



UEPB

Universidade
Estadual da Paraíba

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MANOEL JOSÉ DA SILVA FILHO

Sam Wilson, o Capitão América: uma breve história sobre o personagem (2015)

GUARABIRA

2022

MANOEL JOSÉ DA SILVA FILHO

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo)
apresentado a/ao
Coordenação/Departamento do Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de **licenciatura em
História**.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

GUARABIRA

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva Filho, Manoel José da.
Sam Wilson, o Capitão América [manuscrito] : uma breve história sobre o personagem (2015) / Manoel Jose da Silva Filho. - 2022.
26 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Sam Wilson. 2. Capitão América. 3. Histórias em quadrinhos. 4. "Outro". I. Título

21. ed. CDD 908

MANOEL JOSÉ DA SILVA FILHO

Sam Wilson, o Capitão América: uma breve história sobre o personagem

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo)
apresentado a/ao
Coordenação/Departamento do Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de **c em História**.

Aprovado(a) em: 28 / 03 / 2022

Banca Examinadora



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Alômia Abrantes da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Luciana Calissi

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Para todos os meus amigos, Ewerton;
Paulo; Adilson; Raul, para o meu
professor e orientador, Carlos Adriano,
minha mãe, Marta, minha sogra, Maria
Helena, meu sogro, Paulo, meu cunhado,
Emanuel e, acima de tudo, para minha
namorada, Ana Paula, DEDICO.

Escute... Nesse mundo, sempre que houver uma luz, haverá também sombras. Enquanto o conceito de vencedores existir também deve haver perdedores. O desejo egoísta de querer manter a paz provoca guerras e o ódio nasce para proteger o amor (Uchiha Madara, 20--).

Lista de Figuras

Figura 1 - John Walker e a muralha.....	16
Figura 2 - Pessoas negras que são mortas pela polícia.....	17
Figura 3 - Sam Wilson e a aeromoça	19
Figura 4 - Sam Wilson, o impostor	20
Figura 5 - #devolvaescudo.....	22
Figura 6 – Sam Wilson, o Capitão Antiamérica.....	23

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. A “casa das ideias”.....	12
2. Mitologia dos quadrinhos.....	13
3. O que definimos como símbolo?.....	14
4. O que é ser o Capitão América?.....	15
5. Sam Wilson e o “Outro”.....	16
6. Sam Wilson e o não “Não-Lugar”.....	20
7. Sam Wilson: produto dos discursos	23
8. Considerações Finais.....	24
9. Referência (dos quadrinhos).....	25
10. Referências bibliográficas	25

Sam Wilson, o Capitão América: uma breve história sobre o personagem

Sam Wilson, Captain America: A Brief History of the Character

Manoel José da Silva Filho¹

RESUMO

Este artigo tem como finalidade a compreensão dos diversos discursos feitos para o novo Capitão América: Sam Wilson. Observa-se, também, o comportamento que a sociedade carrega quando uma pessoa fora de seu “nicho” assume o poder, no quadrinho Capitão América: o Fardo de Sam Wilson, de 2015. Utilizamos como fonte artigos, imagens, livros e os quadrinhos. O resultado obtido, ao longo dos arcos dos quadrinhos e deste trabalho, visa a comprovação que, durante a análise, a sociedade, através de seus “regimes de verdades”, idealiza ao “Outro”, ou seja, ao Sam Wilson, os locais em que ele deve estar; o impondo ao “não-Lugar”.

Palavras-chave: Sam Wilson, Capitão América, histórias em quadrinhos, “Outro”.

ABSTRACT

This article aims to understand the several speeches made for the new Captain America: Sam Wilson. It's also observed the deportment that society carries when a person outside their group takes power, in the comic Captain America: Sam Wilson's Burden, from 2015. We used articles, images, books, and comics as a source. The result obtained, throughout the arcs of the comics and of this work, aims to prove that, during the analysis, society, through its “regimes of truths”, idealize the “Other one”, that is, Sam Wilson, the place where he should be, imposing it on the “non-Place”.

Keywords: Sam Wilson, Captain America, comics, Other one.

¹ Graduado em Licenciatura em História, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus III, Guarabira. silvafilhoshinigami15@gmail.com

Introdução

As HQs são vistas como um fenômeno difundido pela mídia através do séc. XXI. Há um desenvolvimento, com o passar do tempo, de suas elaborações e seus entrecos. As histórias em quadrinhos dispõem de um amplo campo de narrativas. Seja questões políticas ou sociais, os quadrinhos dão um olhar ao seu tempo. Visto também as práticas sociais e culturais nos ligando ao real de forma caricata ou cartunesca.

Durante o final da década de 1930 e início da década de 1940, houve um crescimento e na venda das histórias em quadrinhos. Em 1938, nasce a primeira revista em quadrinhos que apresentaria seu primeiro herói: o Superman, na **Action Comics, vol. 1**. As pessoas logo viram, naquele personagem, um símbolo de seus valores e crenças. Cresce também, o entretenimento das pessoas pela arte – já que ela dramatizava o cotidiano de forma cartunesca. Com os EUA entrando na segunda guerra (1939-1945), na década de 1941, nasce um outro herói legitimamente americano que a população o abraçou por ele defender seus valores e crenças: o Capitão América.

A *Marvel Comics* é uma empresa norte-americana, fundada em 1939 por Martin Goodman. Antes de ser a *Marvel*, ela se chamava *Timely Comics* e seus primeiros personagens de quadrinhos foram o Tocha Humana² e o Namor. Nomes como Stan Lee e Jack Kirby foram, em grande maioria, as peças-chave para o alçamento da *Marvel* como uma das maiores empresas de entretenimento.

Hoje, a Marvel é uma das principais empresas que refletem o uso de mudanças políticas, ideológicas e sociais – diferente da DC Comics, que seus personagens são retratados como deuses, a Marvel trata seus heróis com um “pé no chão” com a sociedade. O preconceito, por exemplo, foi e ainda é tratado com veemência pela Marvel – justamente por seus personagens trabalharem com histórias que refletem o cotidiano. Por exemplo, os X-Men. Em seu arco dos quadrinhos – Deus Ama, o Homem Mata –, por terem um gene diferente dos humanos comuns, são tratados como aberrações e são rejeitados. Sua mera existência era uma afronta, tanto à sociedade, quando para Deus³. Mesmo eles lutando para ter uma igualdade entre os humanos, eram condenados por algo que estes não fizeram. Assim como Sam Wilson, o antigo Falcão. Agora, Capitão América.

² Este Tocha Humana (Jim Hammond) é diferente do Tocha Humana (Johnny Storm) do Quarteto Fantástico.

³ **X-MEN: Deus ama, o Homem mata**. Editora: Panini Comics, n. 1, 2014.

Sam Wilson “nasceu” nas histórias do Capitão América. Após uma viagem ao Rio de Janeiro – vale ressaltar que o mascote do SW⁴, o Asa Vermelha, veio do Brasil – seu avião cai em uma ilha e ele é encontrado pelo Caveira Vermelha. Este por sua vez faz com que SW fosse o lutador ideal para lutar contra o CA⁵. Porém, Steve logo desfez o controle que o Caveira tinha ao Sam e ambos – Steve e Sam – tiveram contra o Caveira Vermelha⁶. Após voltar aos EUA, Steve transformou Sam em um super-herói. Ele sempre foi tratado como a primeira representação afro-americana nos quadrinhos – o Pantera Negra, T’challa, foi o primeiro negro a aparecer, em 1966, mas este vinha da nação fictícia de Wakanda.

Mais tarde, por ser um dos poucos heróis afro-americanos ativos, participa dos Vingadores, “os heróis mais poderosos do mundo”. E mesmo assim, ele ainda era um alvo. Não de vilões, como o próprio Caveira Vermelha ou o Barão Zemo. Mas da própria sociedade. Sociedade que, por sua vez, o via como o impostor. Não apenas daqueles que o discriminava por seu tom de pele, mas por algumas pessoas do bairro cujo ele defendia, o Harlem.

Em 2015, a editora *Marvel Comics* lança a revista *Capitão América: Sam Wilson*. Nela, vemos a jornada de Sam Wilson indo em busca de um autoconhecimento nesse novo lugar sendo agora o *sentinela da liberdade*. A revista que traz como título *O fardo de Sam Wilson* não carrega essa intitulação por acaso. O personagem irá carregar o fardo que a sociedade impõe através de cobranças e determinações sobre seu lugar como Capitão América.

Na HQ aqui trabalhada, se tem um contexto com a qual a sociedade está acostumada com o Steve Rogers como Capitão América, lidando com a situação dos imigrantes nos EUA e como os políticos agem perante a isso. Com base nisso, a problemática aqui destacada será: como a nação se comporta perante Sam Wilson, o “Outro”?

Abordaremos a importância dos quadrinhos, na ação humana de contar histórias, trilhando um caminho de como a influência dos mitos construíram a ideia do “ser herói” nos EUA, com a qual acarretou a criação do personagem Capitão América, perpassando ainda no significado do “ser Capitão América”.

Também discutiremos a ideia que Stuart Hall propõe sobre “representação” e, também, trataremos Sam Wilson enquanto Capitão América e de como a sociedade o vê como o “Outro”.

⁴ Em certos momentos chamarei o personagem por esta sigla.

⁵ Também o chamarei assim em determinados momentos.

⁶ *CAPITÃO AMÉRICA*. São Paulo: Editora Abril, n. 4, 1979.

Logo, trataremos da ideia de “lugar”, visto em Certeau e como, ao longo da história, a sociedade apresentada nos quadrinhos, com os seus “regimes de verdade”, determina onde Sam Wilson deve estar.

Além disso, será trabalhado os diversos discursos construídos sobre Sam Wilson e suas representações para a sociedade.

O presente trabalho tem como objetivo compreender os discursos que são construídos para o novo Capitão América. Observando, também, como a sociedade em *O Fardo de Sam Wilson* se comporta quando uma pessoa negra está no poder. Analisaremos os discursos construídos envolta do novo Capitão América – ao longo dos arcos dos quadrinhos – com base nas noções de “discurso” proposto por Durval Muniz ao trabalhar Ginzburg em sua obra *História: a arte de inventar o passado* (2007) e, também, a ideia de representação e estereotipação de Sam Wilson como “Outro”, visto com Stuart Hall em *Cultura e Representação* (2016).

A motivação deste trabalho consiste em promover reflexões sobre como os vários discursos podem afetar o sujeito e de como este pode ter diferentes representações na sociedade. Neste trabalho temos como base teórica os historiadores Chartier (2011), Durval Muniz (2007) Stuart Hall (2016), dentre outros. Utilizamos como fonte as histórias em quadrinhos, artigos, imagens e livros.

1. A “casa das ideias”

A Marvel Comics, famosa editora norte-americana de quadrinhos, foi fundada no ano de 1939, por Martin Goodman, com o nome Timely Comics. Nesse período, personagens como Namor e o Tocha Humana estimularam a venda dos quadrinhos. Em 1941, mais um personagem foi adaptado para as páginas das HQs: o Capitão América, criado por Joe Simon e Jack Kirby. Após passar por crises devido ao fim da guerra (1939-1945) – pelo fim do conflito ter decaído com o roteiro –, a Timely precisou passar por mudanças. Primeiro mudou seu nome para Atlas Comics na década de 1950 e Goodman tentou retomar seus heróis criados na de 1940 e tentou expandir seu gênero, mas sem sucesso.

Porém, foi a partir da entrada de Stan Lee, na década 1960, foi fundada a Marvel Comics e esta, por sua vez, recuperou seu gênero – não esquecendo Kirby que ilustrava as páginas de alguns dos quadrinhos feitos na época. Após a criação do Quarteto Fantástico⁷, outros

⁷ BIBLIOTECA HISTÓRICA MARVEL: Quarteto Fantástico. São Paulo, Panini Comics, n. 1, 2007.

sucessos foram produzidos. Desde Homem-Aranha, X-Men, Hulk e Homem de Ferro, a “casa das ideias” foi atingindo os leitores. A Marvel apresenta histórias que se aproximam com a realidade. Histórias estas que criam personagens com um caráter próprio.

2. Mitologia dos quadrinhos

A ação humana de contar histórias traz consigo diferentes formas de como narrar. O ato da narração não se limita apenas a um meio. Uma única história pode ser contada em diferentes vias como, por exemplo: através das revistas, filmes, livros e HQs⁸ em contextos variados. Determinar o local das histórias em quadrinhos ao irreal é negar a sua importância perante os processos humanos e sua busca por uma representatividade e/ou identidade. Visto que, elas são portadoras de práticas sociais e culturais, nos fornecendo informações e, também, nos ligando ao real.

O ato de contar histórias está enraizado no comportamento social dos grupos humanos – antigos e modernos. As Histórias são usadas para ensinar o comportamento dentro da comunidade, discutir morais e valores, ou para satisfazer curiosidades. Elas dramatizam relações sociais e os problemas de convívio, propaga ideias ou extravasa fantasias (EISNER, 2005, p. 11).

Além de que os, [...] super-heróis não são simplesmente o reflexo de uma identidade pré-estabelecida, mas se tornam um discurso através do qual o mundo se torna compreensível (BURKE apud DITTMER, 2019, p. 47). Nas histórias em quadrinhos também há o local para a construção de um mito. Para Kerber (2017, p. 10) os mitos podem, acima de tudo, nos dar o verdadeiro sentido para o cotidiano da pessoa. E isso pode ser adentrado aos quadrinhos de super-heróis – já que, na maioria das vezes, os heróis dos quadrinhos são baseados em heróis ou deuses de mitos.

Se pensarmos que cada povo cria seus mitos, suas lendas e seus heróis, logo lembramos os grandes deuses e heróis da mitologia grega. Muitos foram as mitologias criadas ao longo da história, mas nenhuma teve tanta influência como as criadas pelos gregos, que chegaram a ultrapassar suas fronteiras e introduziram elementos em mitologias de outros povos (KERBER, 2017, p. 15).

A mitologia grega, presente no Ocidente, construiu nos EUA a ideia de um herói. Durante a segunda grande guerra (1939-1945), a *Timely Comics* – antiga *Marvel Comics* – cria o que hoje vemos como o exemplo de um soldado e cidadão americano. Ele representa o ideal clássico de ser um super-herói. Nasce, desse novo mito, Steve Rogers, o Capitão

⁸ Histórias em Quadrinhos.

América. Um homem que carrega consigo todos os valores – sejam eles por defender seu país, os ideais e/ou sua simbologia.

Umberto Eco (2008) entende que a indústria cultural considera a produção da cultura como mercadoria, pressupondo que o mercado estabelece a mesma estrutura de organização, partindo das ideias administrativas das fabricações em série aos produtos simbólicos como revistas, jornais, rádio e internet (ARAUJO apud ECO. 2020, p. 16).

O herói se torna, assim, a representação da população. O símbolo deles. Aquele que irá instaurar a ordem. Mesmo que, em suas histórias, tenham forças adversas a ele, o representante da sociedade acaba por sair vencedor. Há, em certo modo, uma veneração, por parte da sociedade, por esse símbolo. Colocam neste ícone [...] uma aureola de divindade. Os homens têm uma necessidade interior de heróis. (MARNY, 1970, p. 123).

3. O que definimos como símbolo?

Jung (2016, p. 21), ao falar sobre símbolos diz que este é um termo, uma imagem ou um nome que representa o inconsciente; aquilo que está fora do alcance da sociedade. Por estar fora de seu alcance, a sociedade, assim, faz representações daquilo que não podemos entender. Ele [...] implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Estes mesmos símbolos transportam, com o decorrer do tempo, as memórias da sociedade – eles têm consigo as reproduções da vida cultural e as repercutem para a população sua ideia com o decorrer do tempo. Ariano Suassuna, em uma de suas palestras, falou que “[...] o primeiro bem-cultural de um país e de uma nação é a sua língua”⁹. A língua se transforma em um símbolo cultural e, também, demonstra uma identidade para outras nações. Estes símbolos não são nada sem o significado que as pessoas dão a ele.

Cada cultura tem seu símbolo. Tem algo que a representa. Ele simboliza um valor cultural na sociedade. Um exemplo que temos é a Estátua da Liberdade. Oriunda da deusa romana *Libertas* – do latim, “liberdade” – a estátua representa a ideia da liberdade, da democracia e esperança do povo estadunidense. Em sua mão direita, ela sustenta uma tocha que representa a iluminação e em sua mão esquerda, carrega a Declaração de Independência dos Estados Unidos¹⁰. É notório dizer que ela também representa a identidade que o país carrega – ou nos leva a crer que carrega. Assim como um super-herói. Este, por sua vez:

⁹ **CONHECIMENTO**, Território. Ariano Suassuna – Graças a Deus eu nasci num país que fala português. Youtube, 24 jan. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/uL-lzPdg-Cc>. Acesso em: 22 mar. 2022.

¹⁰ Declaração que, em 1976, no Congresso da Pensilvânia, enuncia a independência das 13 colônias da Grã-Bretanha. Teve como um dos principais autores Thomas Jefferson, filósofo político iluminista.

[...] só é um super-herói quando tem que colocar em prática seus poderes e isto só pode ocorrer havendo uma população de seres poderosos num mundo em que ele vive e combate, ou seja, o super-herói só pode existir, em constante relação com super-vilões e com outros super-heróis (Viana, 2005).

Todavia, como afirma Brecht (1938, p. 154) infeliz da nação que necessita desses heróis. Dos símbolos. A sociedade quer, a todo custo, construir um ideal para defendê-las que, por sua vez, ficam paralisados, “anestesiados” com seus desejos impostos ao herói – visto que o grupo social tem a capacidade de mobilizar e transformar suas vontades em uma realidade. Além disso, não adianta, por exemplo, este ideal da nação ser alçado como o “salvador” se a própria sociedade tende a ser desonesta e cometer atos corruptos – sejam eles pequenos ou grandes.

4. O que é ser o Capitão América?

Criado em 1941 por Joe Simon e Jack Kirby, Steve Rogers passa por experimentos que resultam na criação do símbolo americano para o contexto que os EUA estavam passando. Mas o que é ser o Capitão América? Uma propaganda para o encorajamento de americanos a entrarem na Segunda Guerra (1939-1945)? Seria o Capitão América a representação do *Uncle Sam*¹¹ nos quadrinhos? Sim e sim. E como a ideia sobre símbolos está presente nas histórias do Capitão América? Ele é um símbolo da nação estadunidense de patriotismo, da ideia de *liberdade, igualdade e fraternidade* – que foi utilizada durante a Revolução Francesa (1789-1799) – cujo foi a base para a construção do que hoje é conhecido como a Declaração Universal dos Direitos Humanos. É aquele que está inserido nos conflitos estadunidenses, passando para a nação – e seus aliados – uma ideia de vitória.

Esse conjunto de símbolos conjuga os ideais do Capitão: a liberdade, defendida juntamente com a justiça. Proclamadas como “axiomas” pela sociedade ocidental contemporânea, através da Declaração Universal dos Direitos Humanos (2007): “o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”. (CHAGAS, 2008, p.143).

Então, se o ser Capitão América seria ter esses ideais em seus atos, sua forma de falar e agir perante a nação, aquele que estivesse por trás do traje de Capitão e que defendesse esses princípios com finalidade de proteger a nação e seus aliados, estaria apto para ser o símbolo da América.

¹¹ Ou *Tio Sam*, símbolo estadunidense utilizado para o recrutamento de soldados para a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

5. Sam Wilson e o “Outro”

O autor, Nick Spencer, ampliou o cânone do Falcão. Ele

[...] assumiu a tarefa de escrever os quadrinhos em 2015. A história de Sam Wilson, como criminoso a assistente social no Harlem, fez dele o candidato perfeito para confrontar o racismo e a xenofobia que definiu a ascensão de Donald Trump à proeminência durante as primárias republicanas naquele ano (BURKE, 2019, p. 55).

Rogers passou por vários conflitos. Várias lutas. Porém, na revista em quadrinhos de 2014, durante uma árdua luta contra um de seus inimigos, precisou fazer um sacrifício¹². Ele perdeu aquilo que, para a nação, lhe definia como Capitão América: o soro de supersoldado¹³. Após esse acontecimento, a nação necessitava de um símbolo. Um salvador. Steve logo passa seu manto e escudo para seu companheiro e amigo de longa data: Sam Wilson, cujo naquele período era conhecido como o Falcão. Mas a qual contexto isso se baseia?

Vemos uma realidade cujo país norte-americano passou por uma transição política – os últimos meses do governo de Barack Obama (2009-2017) e se concluiu após a eleição de Donald Trump (2017-2021) à presidência. Vale ressaltar que, durante sua campanha, Trump utilizou de discursos inflamatórios e “populistas” contra a imigração. Alegando, até que se eleito, construiria um muro na divisão entre EUA-México para a diminuição do tráfego de imigrantes na região Sul e que a população mexicana pagaria taxas para entrar em solo americano. Esse cenário, visto durante a campanha presidencial de 2016, foi roteirizado e “alegorado” tanto por Spencer quanto por Daniel Acuña – desenhista das histórias do Capitão América: Sam Wilson – que ilustrou as páginas do quadrinho, como o exemplo da **Figura 1**.

Figura 1 - John Walker e a muralha



Fonte: Capitão América: Sam Wilson. Ilustrado por Daniel Acuña. Editora: Panini Comics. 2016

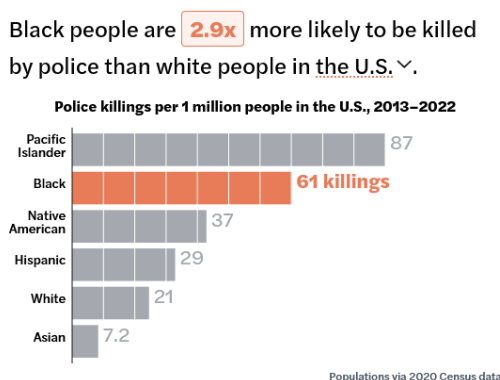
¹² CAPITÃO AMÉRICA. São Paulo: Editora Panini Comics, n. 21, 2014

¹³ Ler Capitão América (1968) vol. 332.

Assim como as tensões raciais nos EUA continuam se tornando atuais. Vendo a violência constante que afro-americanos passam – tivemos recentemente a violência policial contra George Floyd – o portal *mapping police violence* fez um levantamento de quantos mortos a polícia americana cometeu nos anos de 2016 a 2021, como visto na **Figura 2**. Pessoas negras são mais propensas a serem mortas por policiais. Em 2016, mais de 24% das violências cometidas contra pessoas negras foram no Estado de Oklahoma. Em 2015, a violência da polícia contra negros era no total acima de 300. Diante do problema apresentado, Spencer mostra ao espectador mais relevância ao escrever o roteiro de um Capitão América que é negro e luta por causas antes não vistas pelo antigo Capitão e não vistas, também, pela nação a qual ele defende.

Há críticas por parte de uma classe apegada a costumes antiquados¹⁴ ao roteiro que o quadrinho quis transmitir. Durante o programa de televisão *Fox & Friends*¹⁵, em um momento no programa, os comentaristas falam que agora SW tem um novo inimigo – não a Hidra¹⁶, como de costume, mas, sim de pessoas que defendem os princípios “conservadores” – de defender os valores e crenças da nação. A apresentadora, ao final, afirma que as histórias em quadrinhos não deviam abordar, em suas narrativas, contextos políticos. Em sua primeira aparição, vemos o Capitão esmurrando Hitler¹⁷. Ele, ao fazer isso, está, literalmente, entrando em um contexto político.

Figura 2 - Pessoas negras que são mortas pela polícia



Fonte: Mapping Police Violence. Link: <https://mappingpoliceviolence.org/>

¹⁴ No sentido pejorativo.

¹⁵ **STORY**, Raw. Fox & Friends: Captain America is targeting conservatives. Youtube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5v46yDz70X8&t=4s>. Acesso em 30 mar. 2022.

¹⁶ Grupo terrorista ficcional que teve sua primeira aparição no quadrinho Strange Tales, n. 135, de agosto de 1966.

¹⁷ Ler Capitão América (1941) vol. 1.

Percebemos que não é sobre quem seria o Capitão América, mas, sim, o *ser* Capitão América. Os valores e a fidelidade de proteção perante a nação americana seriam os pilares fundamentais. Nesta ocasião, quando Rogers passa o escudo para Sam Wilson, esperávamos um cenário de confiança entre o povo americano. A sociedade via que, por SW ser o companheiro fiel do antigo CA, ele também seguiria seus passos. Porém, após Wilson assumir o escudo, percebe-se que ter esses princípios e tudo o que constitui o *ser* Capitão América não bastava. As pessoas começam a julgar sua competência de poder ser o Capitão América pelo seu estereótipo – no caso, por ser um homem negro. Estereótipo esse que Hall (2016) fala que reduz a pessoa à algo simples que “[...] são representadas como fixas pela natureza” (HALL. 2016, p. 190).

Em suma, a estereotipagem é aquilo que Foucault chamou de uma espécie de “poder/conhecimento” do jogo. Por meio dela, classificamos as pessoas segundo uma norma e definimos os excluídos como o “Outro” (HALL. 2016, p. 192-193).

Stuart Hall (2016, p. 139) vai além e nos questiona sobre como “[...] representamos as pessoas e os lugares que são significativamente diferentes de nós?”. Para essas pessoas, mesmo que Sam Wilson use a bandeira americana em seu uniforme, ele sempre será visto como o “Outro”. Um intruso. Mas o que o antigo CA tinha de tão especial que este não tem para sociedade? Era tão natural para as pessoas – como a aeromoça na revista em quadrinhos visto na **Figura 3** – ter um símbolo remetente ao seu ideal/sua hegemonia, um símbolo que, para eles representasse seu “nicho”; que eles não estavam preparados para o novo¹⁸. A sociedade podia até aceitá-lo como Falcão, mas não como Capitão América. Para elas, era mais fácil aceitar que o Sam Wilson era o Falcão por este ser um coadjuvante nas lutas do CA Steve Rogers. Porém, ao assumir o manto e escudo do CA antigo, a sociedade sente-se incomodada, não pelo SW não defender os valores e princípios de sua nação, mas por este ser definido, pela América, por um estereotipo construído ao longo de sua história.

¹⁸ CAPITÃO AMÉRICA: Sam Wilson. São Paulo: Editora Panini Comics, n. 1, dez. 2015.

Figura 3 - Sam Wilson e a aeromoça



Fonte: Capitão América: Sam Wilson. Ilustrado por Daniel Acuña. Editora: Panini Comics. 2015.

Quando é apresentado o Sam Wilson como Capitão América, fica evidente para este que ele não será o elemento para a unificar, mas dividir. Pois, para muitos, ele é o exótico, o incomum. O que causa estranheza. Com isso, o sentimento de confiança das pessoas dá lugar à dúvida. Para elas, não é coerente o intruso como símbolo de liberdade – como visto na **Figura 4**. O Capitão América, assim, está envolto dos estereótipos e discursos construídos que partem das pessoas para ele.

No dicionário, “estereotipo” é definido como uma ideia ou um personagem que é padronizado numa forma convencional, sem individualidade. Com um objetivo, “estereotipado” se aplica àquilo que é vulgarizado. O estereotipo tem uma reputação ruim não apenas porque implica banalidade, mas também por causa de seu uso como uma arma de propaganda ou racismo. Quando simplifica e categoriza uma generalização imprecisa, ele pode ser prejudicial ou, no mínimo, ofensivo. [...] Apesar dessas definições, o estereotipo é bastante comum nos quadrinhos. Ele é uma necessidade maldita – uma ferramenta de comunicação da qual a maioria dos cartuns não conseguem fugir. Dada a função narrativa do meio, isso não é de se surpreender. A arte dos quadrinhos lida com reproduções facilmente reconhecíveis da conduta humana. Seus desenhos são reflexo no espelho, e dependem de experiências armazenadas na memória do leitor para que ele consiga visualizar ou processar rapidamente uma ideia. Isso torna necessária a simplificação de imagens transformando-as em símbolos que se repetem. Logo, estereótipos (EISNER, 2008, p. 21).

Figura 4 - Sam Wilson, o impostor



Fonte: Capitão América: Sam Wilson. Ilustrado por Daniel Acuña. Editora: Panini Comics. 2016

6. Sam Wilson e o não “Não-Lugar”

Para Certeau (1998, p. 201), a ideia de “lugar” está na ordenação de elementos em seus elos. Já para Costa e Rocha (2010, p. 37) o “lugar” é aquele que o sujeito encontra uma relação de valores e significados. São abordagens que não limitam apenas ao local enquanto espaço físico, mas que este compreende as relações contidas, vivenciadas e partilhas de experiências dos sujeitos.

[...] o lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas (COSTA E ROCHA, 2010, p. 37).

Aqui tomaremos como conceito de “lugar” as relações que os indivíduos constroem nesse espaço que perpassam no campo da afetividade, memória, pertencimento, significados e identidade. Lugar este que, enquanto Sam Wilson, tinha seu título como Falcão, se sentia pertencente. Suas relações não incomodavam a sociedade. Sua identidade e pertencimento, nesses momentos, não eram postos em dúvidas. Ele, enquanto Falcão, não era alvo de críticas. Perante a nação, era visto como coerente. A sociedade determinava, assim, que ele, enquanto Falcão, era mais aceitável – ou seja, resumiam sua identidade à suas características corporais e, assim, demarcavam seu espaço.

“[...] a identidade não pode ser considerada como decorrente de ‘evidências’ corporais. [...] no entanto, para as ideologias racistas ‘o corpo é visto como a corte do julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar’” (FERNANDES; SOUZA apud LOURO. 2016, p. 105). Com isso, percebemos que essa sociedade estabelecia os seus próprios “regimes de verdade” para Wilson. Determinando o lugar que ele devia estar – ou não. Elas

partem de si mesmas, seus princípios, valores, crenças; para julgar o “Outro”. Nesse caso, o novo Capitão América.

Quando Sam se assume como Capitão América, nota-se que ele não perde os princípios. Pelo contrário. Ele tem, agora, uma responsabilidade e comprometimento ainda maior – pois será visto com uma “bandeira” em seu uniforme. Todavia, ao ser um homem negro que está sendo o *símbolo da liberdade*, gerava um desconforto à sociedade – entre eles, alguns civis e políticos que tinham um pensamento mais conservador.

Antes de assumir o posto de Capitão América, quando ainda era o Falcão, pertencia a um grupo a qual estava, era reconhecido e aceito, era um “herói de apoio” tinha seu lugar bem estabelecido. A partir do momento em que assume o manto vermelho e azul a coisa muda, não é mais um “herói de apoio” pois passa para o “estrelato”, não pertence mais a grupo anterior, porém ainda não pertence a elite dos heróis [...] (NASCIMENTO; SOUZA; TOREZANI, 2017, p. 11).

Esses “regimes de verdade” e determinações que a população estabelecia para Sam pedindo para que ele deixasse de ser o Capitão América, ou que entregasse o Escudo – como visto na **Figura 5** –, não ficava, apenas, no âmbito de ser um herói, mas feria sua identidade, como propõe Fernandes e Souza (2016)

Identidade é algo em processo, permanentemente inacabado, e que se manifesta através da consciência da diferença e contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade. [...] a identidade é sempre construída em um processo de interação de diálogo que estabelecemos com os outros (FERNANDES; SOUZA. 2016, p. 106).

Ou seja, Sam, nesse momento, estava com suas relações e interações afetadas pela exclusão que a população o proporcionava. Sendo assim, ele era posto em um “Não-Lugar”, como visto na **Figura 5**. Pois, causavam um afastamento de suas significações e relações, assim construídas, nos espaços.

Porém, mesmo com as tentativas de colocar Sam no “Não-Lugar”, e por vezes isso o afetava, ele mantinha sua postura forte. E, apesar de alguns políticos, desejarem que o novo Capitão América fosse o “porta-voz” de suas vontades, ele mantinha firme seus próprios ideais. Visto que ele queria ser algo a mais para uma minoria esquecida por esses políticos; desejando trazer algo que o antigo Capitão América não conseguiu alcançar.

Percebemos por esse episódio, entre muitos outros que poderíamos destacar, como a força política está presente na cultura - tanto erudita quanto popular - e como ela é usada convenientemente para difundir os comportamentos axiológicos da sociedade ao qual se insere. Em outras palavras, não existe ingenuidade nas publicações, sejam elas de quais “nichos” culturais pertencerem, sempre haverá uma posição política, um jogo de interesses, uma tentativa de difundir idéias (CHAGAS, 2008, p. 154).

Ele enxergava que não existia uma *fórmula mágica* e única para sanar todos os problemas – como alguns políticos propõem. Por mais que exista um povo americano, não

cuspiendo intolerância e medo, naufragando o bom senso... Mais eu me pergunto... O Capitão América não deveria ser mais do que apenas um símbolo? Steve sempre tentou se manter acima das disputas, e eu o respeitava por isso. Ele tomava partido quando era preciso, mas, com respeito a política, o cara se mantinha reservado. Mas, e se eu acreditasse ser capaz de fazer a diferença... Se eu acreditasse mesmo que podia mudar alguma maneira de pensar, fazer algum bem... Não seria meu dever tentar? Então, eu convoquei uma coletiva de imprensa. Imaginei que, falando com a mídia, eu me faria ouvir acima da estatística, focando em unir as pessoas... Obviamente as coisas não saíram como o planejado. (MARVEL, 2015, 11-12).

Após a coletiva de imprensa, as mídias – de cunho extremista – logo não aprovavam as ações de Sam Wilson. “Capitão América vs A Constituição”, “Senado pede para o Capitão América que se demita” – visto na **Figura 6**.

Figura 6 – Sam Wilson, o Capitão Antiamérica



Fonte: Captain America: Sam Wilson. Ilustrado por: Daniel Acuña. Editora: Marvel Comics. 2015.

7. Sam Wilson: produto dos discursos

É interessante perceber os movimentos que os discursos podem exercer sobre o sujeito. Ao observarmos a trajetória de Sam Wilson, enquanto Capitão América, notamos como ele próprio se enxerga. Porém, este mesmo homem pode ser compreendido de formas diferentes dependendo de quem produz o discurso. Como na **figura 3**, para a aeromoça ele não era o Capitão América. Para alguns políticos, era o Capitão *Anti-América* – visto na

figura 6. Para alguns terroristas, ele era o Capitão Socialismo. E, para aqueles que o Sam Wilson salvava, ele era o protetor.

Mas todos estes discursos remetem a uma mesma pessoa. Nos lembra o que Albuquerque Jr. (2007, p.105-106) diz em seu livro *História: a arte de inventar o passado ao comentar sobre o que Ginzburg fala a respeito dos diferentes discursos que irá construir Revière*:

O que se percebe é que diferentes Revières vão ser produzidos por cada discurso; o discurso psiquiátrico constrói o Revière-louco, o discurso da justiça constrói o Revière cruel, o seu próprio discurso ora o constrói como um louco ora o constrói como justiceiro que livra seu pai de suas atribulações (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 105-106).

Assim como há a construção de diferentes Sam Wilson ao decorrer da história. Em determinados momentos ele é o mocinho – aquele que defende os fracos e oprimidos – outrora, ele se torna o vilão de um nicho que não o aprova enquanto CA. No quadrinho, de 2015, temos uma senhora latino-americana, chamada Mariana Torres, recorre ao Capitão para que salve seu neto, Joaquim Torres, de um grupo terrorista chamado de os Filhos da Serpente.¹⁹ E ele prontamente dedica-se a esta causa e vai em busca do jovem o salvando no final.

Mas o interessante a se notar é que ao mesmo tempo a senhora Torres traz um discurso sobre o Capitão, ela carrega, consigo, uma representação. O discurso que a senhora Mariana tem sobre o Capitão América é desde como herói.

Já a representação que ela traz sobre Sam Wilson nos lembra o que propõe Chartier (2011, p. 17) ao se referir que a representação “[...] é aqui a demonstração de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa”. Mariana, ao tentar encontrar seu neto, recorre aos policiais. Porém, não obteve êxito. Com isso, sente a injustiça por ser imigrante. Ela percebe, então, que só poderia ser ouvida pelo Capitão América porque este representa, para ela, a justiça.

8. Considerações Finais

Sam Wilson mostra o quanto ele precisou batalhar e ser forte para se tornar Capitão América. A partir do primeiro capítulo, nos é mostrado toda conjuntura do país – que ele está mais dividido do que antes. Também nos é mostrado, no primeiro capítulo, uma situação sensível aos EUA – especialmente durante o governo de Donald Trump (2016-2020): a

¹⁹ CAPITÃO AMÉRICA: Sam Wilson. São Paulo: Editora Panini Comics, n. 1, dez. 2015.

imigração ilegal. Após Sam Wilson defender os imigrantes de terroristas anti-imigração, Sam é taxado de “Capitão Socialismo”. Além dos protestos que as pessoas faziam contra o novo Capitão e as várias postagens no *Twitter* pedindo que Sam devolvesse o escudo.

O autor, Nick Spencer, ampliou o cânone do Falcão. Traçou uma linha tênue entre a dualidade que recaía sobre Sam ao ser o *sentinela da liberdade*. Ora ele devia defender seus princípios, ora defender os princípios da nação. Porém, por muitas vezes, visto em suas histórias, esses dois lados não caminhavam juntos. Pois, o fato dele ser um Capitão América negro incomodava a sociedade – seja ela a civil ou a política.

Visto que os quadrinhos são, em sua maioria, representações lúdicas do real, e o que Sam Wilson, em suas histórias, nos mostrou o quanto a sociedade pode ser cruel quando se deparam com pessoas negras no poder e põem em dúvida suas capacidades. Diante disso, será que merecemos este Capitão América no XXI?

9. Referência (dos quadrinhos)

BIBLIOTECA HISTÓRICA MARVEL: Quarteto Fantástico. São Paulo, Panini Comics, n. 1, 2007.

CAPITÃO AMÉRICA. São Paulo: Editora Abril, n. 4, 1979.

CAPITÃO AMÉRICA: Nunca Mais. São Paulo: Editora Abril, n. 151, 1991.

CAPITÃO AMÉRICA. São Paulo: Editora Panini Comics, n. 21, 2014.

CAPITÃO AMÉRICA: Sam Wilson. São Paulo: Editora Panini Comics, n. 1, dez. 2015.

_____. São Paulo: Editora Panini Comics, n. 10, 2016.

X-MEN: Deus ama, o Homem mata. Editora: Panini Comics, n. 1, 2014.

10. Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ARAUJO, Anderson da Silva. **A Representação do Capitão América no Quadro Político Norte-Americano (1941-1974)**. 2020. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Cap. 1. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20301/1/AndersonDaSilvaAraujo_Disse_r_t.pdf. Acesso em: 19 mar. 2022.

BRECHT, Bertolt. **Teatro completo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. v. 6.

- BURKE, Liam. **Superhero Symbol: Media, Culture and Politics**. New Jersey: Rutgers University Press, 2019. Tradução nossa.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. 3 ed. Petrópolis, Vozes, 2008.
- CHAGAS, Luciana Zamprogne. Capitão América: Interpretações sócio-antropológicas de um super-herói de histórias em quadrinhos. **Sinais – Revista Eletrônica**, Vitória, ES, v. 1, n. 3, jun. 2008, p. 134-162. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/sinais/article/download/2865/2331>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- CHARTIER, Roger. Defesa e Ilustração da Noção de Representação. **Fronteiras: revista de história**, Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 24, jul. / dez. 2011, p. 15-29. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=588265645002>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- COSTA, Fábio R. ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares. **Rev. Geomae**, Campo Mourão, PR. v.1 nº2, 2010, p. 25-56. Disponível em: http://www.fecilcam.br/revista/index.php/geomae/article/viewFile/12/pdf_7. Acesso em: 19 mar. 2022.
- EISNER, Will. **Narrativas Gráficas de Will Eisner**. São Paulo, Devir, 2005.
- FERNANDES, Viviane Barbosa; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, SP, n. 63, p. 103-120, abri. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114868/112595>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- JUNG, Carl G. **O Homem e seus símbolos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.
- KERBER, Cleiton Luiz. Capitão América: o herói mitológico estadunidense. **Diálogo**, Canoas, RS. n. 34, p. 9-19, abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/download/3027/pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- MARNY, Jacques. **Sociologia das histórias aos quadrinhos**. Porto: Barcelos, 1970.
- VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.
- STORY, Raw. **Fox & Friends: Captain America is targeting conservatives**. Youtube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5v46yDz70X8&t=4s>. Acesso em 30 mar. 2022.

AGRADECIMENTOS

Primeiro de tudo, agradeço a Deus por me proporcionar perseverança nessa reta final.

Também agradeço a ele por ter, ao longo do trabalho, ter me dado os 3 Fs: Foco, Força e Fé.

Agradeço a mim mesmo por não desistir desse trabalho. Por vezes, pensei em desistir do curso de História e seguir outra carreira. No entanto, me mantive firme e aqui estou.

Agradeço aos meus familiares: Maria Helena, Paulo, Emanuel e Marta Goretti pelo apoio e por me incentivarem a não desistir e sempre seguir em frente.

Agradeço, também, aos meus amigos: Ewerton, Paulo, Adilson, Raul, Robson os demais que convivi ao longo do curso de História.

Aos professores e professoras que conheci na Universidade e que trouxeram seus conhecimentos para a sala de aula.

A Rilane que me ajudou na procura dos meus certificados, eu agradeço de coração. Você foi um anjo.

A Susel que, coordenou e orientou os alunos. Esteve sempre presente para tirar as dúvidas com relação a parte mais burocrática do TCC.

Ao professor Francisco Fagundes que, informalmente, me ajudou ao mandar para mim diversas referências para o trabalho.

Ao meu orientador, Carlos Adriano, ao qual tenho um enorme carinho. Desde que o conheci, no 4º período, eu sabia que era ele o meu orientador.

E, em especial, a minha futura esposa: Ana Paula. Sem sua ajuda, seu apoio e seu amparo, eu não conseguiria terminar o trabalho. Como falei antes, por vezes pensei em desistir. E uma das razões pela qual não o fiz foi pensando em nosso futuro. Houve momentos, também, de eu não achar que era capaz de fazer o TCC. Porém, ela esteve aqui. Me auxiliando, dando suporte. Em momentos de desespero, você foi minha âncora. Você foi o meu “norte”. Você e só você é e sempre será a pessoa mais especial para mim.